

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 171

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º ANNO

## ENTRE REPUBLICANOS

Só em Portugal se vê o vergonhoso espectáculo dos homens eminentes da democracia estarem esperando, de braços cruzados, que o povo se resolva a fazer agitações. Se o povo se agitar, se se revolucionar, muito bem. Viva o povo, e suas excellencias sahem então para a rua a colher os frutos da revolução. Mas enquanto o povo não se agita, nem se revoluciona, suas excellencias estão *postos em socego* e dizem mal do povo para desfastio.

E' o povo que tem a culpa de tudo! E' o povo!

O que se ha de fazer com um povo d'estes? E' o que se ouve a cada passo.

Ora o povo foi sempre o mesmo em toda a parte. O povo, só por si, não se agita, nem se commove. Precisa que o agitem. Precisa que o commovam. Mesmo quando o povo tem alguma cultura. Quanto mais o povo portuguez, que não tem cultura nenhuma. Nem cultura, nem habito de revolta, nem educação de lucta.

Não censuremos o povo, a pobre victima. Censuremos os dirigentes, que deram sempre em Portugal o mais triste, o mais vergonhoso exemplo d'egoismo.

Entre esses dirigentes, são mais culpados os republicanos, porque maior é a responsabilidade que assumiram. Não se supponha que queremos agora abrir campanha contra elles. Não; estamos longe de tal idéa. Queremos apenas lembrar a triste situação a que está reduzida a democracia portugueza.

Isto não pôde continuar assim. Convençamo-nos d'isso todos nós. Nunca se commetteram tantas torpezas; nunca se calcou a justiça com tanto descaramento e audacia. E nunca foi tamanha a indifferença da democracia nacional, alvo a toda a hora, ainda por cima, dos gracejos e zombarias dos tratantes. Faz-se tudo quanto ha. Attenta-se contra a liberdade, contra os interesses da patria, contra a honra e contra a fazenda publica, e ainda em cima é uma chacota pegada dos principios democraticos e dos homens que tem ousado apregoa-los e defende-los.

Não queremos atacar esses homens, repetimos. Apenas lhes queremos perguntar se não tem vergonha.

Não tem vergonha?

Francamente, parece que não. E' triste dizê-lo. Mas é o que parece!

Não sentem subir o sangue ao rosto?

Queremos acreditar que não continue por muito tempo uma situação de tal ordem. Se o partido republicano, aquillo que pro-

priamente se chama partido, é incapaz d'organisação, como parece, se está dividido em mil confrarias, se está cheio de vicios, ponham-n'o de parte, que pouco vale. A grande força do republicanismo portuguez nunca esteve no que se tem chamado partido. Ali é que está o engano e o erro. Tomaram sempre como partido aquillo que nunca foi partido. O grande partido republicano nunca foi essa meia duzia de chafaricas, constituídas por imbecis, intrigantes e especuladores da peor especie, que só tem servido para intrigar, para dividir, para embaraçar e afugentar os homens de valor, para servir interesses occultos.

Não. O verdadeiro partido republicano não pertence a confrarias, felizmente. Não está arregimentado. E' anónimo nas suas grandes massas e procede conforme os acontecimentos e os homens. Nunca estes appareceram com sinceridade, com desejos de acertar, com vontade de trabalhar, que esse grande partido os não applaudisse e os não acompanhasse. Se cahram nao foi no meio d'elle. Foi no meio das confrarias, aos golpes dos especuladores e dos intrigantes, combatidos pelos despeitos ruins de meia duzia de freguezes d'ignobeis capellinhas. Ah! ah! ali é que cahram os homens de valor e de prestigio da democracia. Enquanto andaram por fóra, ao ar livre, enquanto respiraram a atmospheria nacional, foram respeitados, queridos e applaudidos. Quando passaram a respirar a atmospheria partidaria, do tal partidinho pequenino circumscripito a meia duzia de capellinhas, é que foram apedrejados, apupados, cobertos de insultos e calumnias, sendo obrigados a fugir como d'um vespeiro perigoso.

Pois o remedio é simples: é pôr de parte as capellinhas. E, caso notavel sem deixar de ser vulgar, quando as pozerem de parte é quando ellas se tornam respeitadoras e obedientes; é quando, para ellas, passam a ter prestigio os mesmos que ellas desrespeitavam e apedrejavam.

São como certas mulheres, que amam tanto mais quanto menos as cortejam.

Duas vantagens, por conseguinte: estimular, animar, entusiasmá-las a sã democracia, que que se espalha por esse paiz fóra, e adquirir, entre as capellinhas postas de parte, o respeito e a consideração que ellas não tinham.

O que matou os chefes do republicanismo portuguez foi o espirito romantico de que tradicionalmente vinham animados. Julgaram que a republica se fazia a tirar o chapéo aos irmãos das confrarias. Tiravam-lhes o chapéo, davam-lhes palmadas no hom-

bro, acenavam aos seus disparates, acenavam ás suas tolices, sem repararem que ás duas por tres estavam vencidos pelas hypocrisias dos especuladores, d'aquelles para quem a democracia era simplesmente um jogo, mais habéis em manejar os *irmãos* do que elles, que eram sinceros e, além de vencidos por essas hypocrisias, vencidos tambem pela perda de prestigio que resulta sempre para os homens superiores quando se misturam, em convivencia intima, com os inferiores.

Eis o facto.

Se conservassem a linha de respeito, se não houvessem dado tudo ao espirito de club, se tivessem limitado a sua acção a entender-se, com os chefes subalternos das confrarias, apenas em occasiões de maior importancia, quando esses chefes, naturalmente, os procurassem, deixando-os na esphera inferior em que viviam, sem os quererem converter em instrumentos das suas ambições ridiculas de mando dentro do pequenino partido que esses chefes subalternos representavam, o destino da democracia portugueza teria sido outro.

Mas não ha erros que se não emendem ou remedeiem, nem terreno perdido que se não possa novamente ganhar.

E' impossivel que os homens illustres da democracia portugueza, os que tem talento e caracter, se não sintam vexados vendo-se reduzidos á condição de assistirem impotentes, e ainda por cima troçados, chasqueados, a essa crapula infame que se ostenta e desenrola para ali.

E' impossivel.

Verdadeiramente impossivel.

## O novo bairro

O *Chiça* tem sido bem apalhado pelo *Progresso de Aveiro*.

Para não enchermos o jornal com tanto *Chiça* e tanto *Cabecinha*, não temos applicado aos biltres a correcção que elles merecem n'essa questão do *Bairro Novo*.

Vamos a ver se callia no domingo.

Foi mandado elaborar com urgencia o projecto e orçamento dos trabalhos necessarios para a conclusão do quartel de infantaria 24.

?

Mas então quando é que a direcção do *Theatro Aveirense* se resolve a mandar cair as fronteiras d'aquelle edificio? Olhe que aquillo é uma vergonha.

Bem sabemos que é bradar no deserto, e que nos não faz a vontadinha.

## HISTORIA LOCAL

*Compadre* fez muito. Mas como *fagulha*, a missão do *compadre* reduziu-se a *fagulhar*. Para esta sociedade d'inertes, isso é muito. Muitas vezes é o principal. Mas não passou d'ahi o merito do excelso *compadre*. Nem passa. Em querendo ir além, está tudo de pernas ao ar. E' vêr o que elle tem dado como conselheiro-mór dos francaceos. Uma desgraça.

*Fagulha, fagulha. Compadre* foi um *fagulha*. *Compadre* limitou-se a *fagulhar*. Nem, n'esse tempo, tinha azas para mais. Só depois que o *Fervilha* lhe entrou em casa e lhe bebeu á saude é que *compadre* quiz subir acima de *fagulha*.

*Compadre fagulhou*. Tudo o mais foi feito pelos outros. Entre estes estava um aveirense de reconhecida influencia eleitoral, que foi sempre quem *pesou* nos actos importantes realizados no sentido da erecção da estatua.

Pelo que nos diz respeito, além da nossa influencia jornalística, que não foi pequena, além de termos concorrido poderosamente e decisivamente para que a frente da estatua não ficasse asnativamente voltada para a Costeira, e concorremos para isso já com a nossa attitude no jornal, já chamando, pessoalmente e directamente, a attenção do escultor para a monstruosidade que se queria commetter, além d'isso, assistimos dia a dia aos trabalhos da fundição da estatua, solicitando insistentemente a attenção dos officiaes d'artihheria para esse trabalho, pedindo para a obra importantissima da fundição toda a protecção dos mesmos officiaes a fim de que se não desse um desastre, como o escultor temia e outros trabalhos anteriores faziam recear.

Querem ver se isto é verdade? Ora vejamos.

Carta de 12 de julho de 1887:

«Sabe meu amigo que está finalmente resolvido que a estatua de José Estevão seja fundida no Arsenal do Exercito, e para tal fim já o modelo deu entrada n'este estabelecimento, no sabbado ultimo.

Como ainda o não viste, pedia-te o favor de o irs ver, e de fazeres d'elle na imprensa a apreciação que entenderes justa, porque, com franqueza, sendo um trabalho perfeito segundo a opinião de pessoas entendidas, ainda todavia não mereceu á imprensa os louvores a que naturalmente tem jus.»

Carta de 21 de setembro de 1887:

«Quando esta vires, de certo me chamas logo um grande carrapato, mas creio me desculparás, attendendo á ideia que motiva as massadas que te dou.

Como aqui te disse nós não podemos contar muito com a boa vontade do S. d'A., e por isso vinha pedir-te o favor de irs ao Arsenal ver em que altura estão os trabalhos da fundição da estatua, e informar-nos da perfeição dos trabalhos, desenvolvimento que tem e do que se te affigura podem ter, e, n'este ultimo caso, quaes os meios de o conseguir.

Sabes muito bem que nós estamos resolvidos a gratificar os operarios que intervierem na fundição. Se vires

que convem fazer-lhes saber isto, podes fazel o pela maneira ou fórmá que julgares mais prudente. Obsequiavamos muito tambem informando te da epocha em que a estatua poderá estar prompta.»

Carta de 19 de janeiro de 1888:

«Vamos tratar dos trabalhos preparatorios da inauguração da estatua. Peço-te me digas a tua opinião sobre os ornatos e escriptções que, em bronze, devemos pôr no pedestal. Tem paciencia com tantas massadas.»

Carta de 22 de janeiro de 1888:

«Logo que possas diz-me o teu parecer com relação aos ornatos e inscripções do pedestal.»

Carta de 29 de fevereiro de 1888:

«Peço-te tambem que, logo que possas, me digas alguma coisa quanto ás inscripções que devemos mandar pôr no pedestal.

Quando vaes ver a fundição?»

Carta de 19 de abril de 1888:

«O S. d'A. (nome do escultor) communicou-nos com anticipação que o resto da estatua seria fundida no dia 7 do corrente, devendo estar descoberta em 11. Agradecemos-lhe o escrever logo que a estatua estivesse descoberta. Não tendo carta d'elle, escrevemos-lhe na segunda-feira ultima pedindo nos dissesse como ficou a estatua e ainda até hoje não tivemos resposta. Compreendemos a nossa anciedade. Não sabemos se o homem estará doente, que é o mais certo. Podes tu, escrevendo ao Sub-chefe da Fundição, averiguar o que ha? N'isso muito nos obsequiavas.»

Carta de 26 d'abril de 1888:

«A tua carta de 21, que muito agradecemos, encontrou-se com outra em que o S. d'A. nos dava noticias da fundição. Ficámos satisfeittissimos com a conclusão d'esse trabalho, que bastante cuidado nos estava dando. Como dizes que vaes ver a estatua no sabbado, aguardo as tuas impressões, e aproveito a occasião para te pedir que te informes de quando poderá estar a estatua prompta, em ordem de marcha.

São horas d'ir pensando no plano, digo programma da inauguração e festejos. Na minha seguinte te direi o meu modo de ver.»

Carta de 7 de maio de 1888:

«Escrevo-te muito á pressa agradecendo-te as tuas informações com respeito á estatua.

O Mattoso conseguiu-nos que a fundição das letras fosse feita no Arsenal. Referindo este facto, não seria mau o Povo louvar o homem pois que nos tem prestado serviços. Foi o Manuel da Rocha quem lembrou isto.

Peço me digas alguma coisa com respeito ao cortejo civico projectado e se ainda ali existirão os carros que serviram para o cortejo que ali houve.»

Carta de 29 de maio de 1888:

«Quanto aos serviços do P. (sub-chefe da Fundição) eu julgo conveniente que lhe agradeçamos já. Se assim o entenderes, peço-te que me digas o nome d'elle por inteiro, a patente e cargo que desempenha no Arsenal. Diz me tambem que tal achaste

a estatua, e se os fundidores ficaram satisfeitos com a gratificação.»

Carta de 3 de junho de 1888:

«Recebi as tuas cartas de 30 de maio e 1 do corrente. Hontem foi carta da commissão para o Mattoso. Vamos a ver o que nos responde o homem.

Diz-me alguma coisa acerca da estatua e se devemos ou não escrever ao P.»

Carta de 19 de julho de 1888:

«Tivemos hoje carta do S. d'A. em que este nos diz que a estatua fica esta semana prompta. Peço a vás ver e me digas que tal ficou. Se pudes, faz-me o favor de me fazeres uma cópia para a carta de agradecimento ao P. porque, além de que não tenho jeito para redigir, os desgostos tem-me embrutecido. Bom fora que a estatua fosse para a exposição, pois d'isso se tiraria partido para a propagação. Se fôres ver a estatua, pergunta ao P. que passos é preciso dar para a estatua ser expedida, isto é, se se carece de licença e de quem.»

Basta, para não ser maçada. Não fica ali a transcrição da terça parte das cartas que o compadre nos escreveu sobre o assumpto; mas o que fica transcripto basta para provar o que dissémos, isto é, que independente do nosso trabalho jornalístico, da nossa propaganda, do valor moral e do effeito d'ella, independente de termos evitado que a frente da estatua ficasse aspeticamente voltada para a Costeira, ainda fomos nós que poderosamente concorremos, com as nossas relações pessoais e o nosso zelo e sollicitude, para que os trabalhos da fundição, aliás importantíssimos, se executassem com o maximo cuidado e perfeição possível.

Provado fica também que a nossa opinião era pedida com instancia nas mais pequeninas minudencias. Provado fica ainda auxiliar a commissão. Até algumas das cartas de agradecimento nós redigiamos! Até isso!

Se juntarmos ao nosso trabalho o trabalho muito mais importante de outros membros da commissão, de Manuel da Rocha, por exemplo, que conseguiu o mais importante com a sua grande influencia eleitoral, havemos de ver que compadre precisava de ser esfregado com um côco quando ordenou aos biltres da papeleta do seu patrão que fossem escrever que a estatua se devia a elle quasi exclusivamente.

Ora o compadre que ainda não se convenceu de que ha de amar-gar e pagar o Cabecinha!

Elle e todos. Pois convencer-se-ha, convencer-se-ha com o tempo. E continuaremos.

## O edificio do Terreiro

Vão continuar as obras n'este edificio.

Tanto barafustaram os francaceos para levarem, agora, mais este pontapé.

Uns bisborrias. Uns bisborrias nojentos.

Regressou da Costa de S. Jacintho, a esta cidade, o sr. Antonio Maria Ferreira, acompanhado de sua esposa, que ainda se encontra bastante enferma do ataque de gripe que a tem affligido pertinazmente, e de que o seu medico assistente espera se restabeleça em breve. Assim o estimamos.

## Fallecimento

Falleceu na quinta-feira n'esta cidade o sr. Joaquim Gaspar, laborioso e honrado canteiro, e extremecido pae do sr. Manuel Caçõ Gaspar, escrivão-notario d'esta comarca, a quem damos o nosso sentido pezame.

## Cartas d'Algueres

14 DE NOVEMBRO.

O meu prezado amigo Bazilio Telles entende que o minhoto é mais pagão do que catholico.

Não, meu caro amigo, não. Se é pagão, é catholico.

O christianismo, como é sabido, não tem originalidade nenhuma. E' uma religião d'emprestimo, copiada, feita de retalhos na phrase expressiva d'um escriptor illustre. Copiou do buddhismo e, em especial, da sua forma degenerada — o lamaismo; copiou do mazdeismo e, d'este, copiou muito, copiou muitissimo; copiou do paganismo, e ainda d'este copiou muito, copiou muitissimo.

O minhoto é pagão? Então é christão; então é catholico, bom catholico, legitimo catholico.

O que faziam os pagãos? Não mostravam, como reliquias, as ferramentas que tinham servido para construir o cavallo de Troia? Não mostravam o sceptro de Pelopes, a lança d'Achilles, a espada de Agamemnon, o palládio de Troia? Não tinham imagens que suavam, e sanctuarios milagrosos?

E não fazem, e não tem os catholicos a mesmíssima coisa? Não ostentam e veneram camizas de santas, habitos e ossos de santas e santos, bocadinhos do santo lenho, a lança que penetrou o Salvador, a coroa d'espinhos que lhe puzeram na cabeça, os prégos com que o pregaram na cruz? Não temos, nós, também, imagens que suam? Sanctuarios ultra-milagrosos?

Sim, meu querido amigo, o minhoto é pagão, como todo o catholico, apostolico, romano. Legitimo pagão.

Pois o que foi o christianismo senão a resurreição das práticas e superstições da velha Grecia?

Todo o aparato do culto pagão passou para o culto catholico: a mitra, ataria, os vasos de ouro e prata, as capas magnificentes, as lustrações, os cirios, as procissões, etc. O que é o bacolo dos bispos senão o antigo bastão dos augures?

Incenso e perfumes ardendo nos altares, lampadas accesas deante das imagens, agua benta, canonizações ou santificações dos mortos, santos patronos, as genuflexões deante das imagens, o poder milagroso attribuido aos idolos, erecção d'estatuas, oratorios e altares, as imagens nos andores, percorrendo as ruas acompanhadas de musicas, cantos e brandões, a tonsura, os cilícios, a penitencia, o celibato, o voto de castidade, tudo isso, tudo, é de origem pagã.

«Mais, muito mais. Os mesmos templos, as mesmas imagens que eram outr'ora consagradas a Jupiter e aos deuses são hoje consagrados a Virgem Maria e aos Santos; os mesmos ritos e as mesmas inscripções servem para uns e para outros; os mesmos prodigios e os mesmos milagres lhes são attribuidos. Emfim, converteu-se no papismo e paganismo inteiro.»

Assim se expremia o bispo Newton, citado por Draper no seu livro *Les Conflicts* (edição franceza pags. 37), *De la Science et de la Religion*.

O minhoto é pagão, é. Como todo o portuguez. Como todo o catholico, apostolico, romano.

O christianismo não teve originalidade nenhuma. E' bocado d'aqui, bocado d'alem.

Chamam-lhe pomposamente a religião da cruz e nem a cruz lhe pertence, como provou Mortillet no seu excellente opusculo *Le Signe de la Croix avant le Christianisme* (Paris—182 pag. e 117 gravuras—1866).

O mysterio da Trindade é imitado das trindades egypcias e das trindades indianas. A encarnação sem união sexual é commum a numerosas religiões, ainda ás religiões dos povos selvagens. (Letourneau—*L'Évolution Religieuse*

*dans les diverses races humaines*, pags. 544). A idéa do redemptor, emanando d'um Deus, ou do espirito universal, para vir, sob forma humana, reformar o mundo, é o dogma fundamental da religião budha e pertence também á religião do Zoroastro. O systema da retribuição depois da morte, do paraíso e do inferno, encontra-se em todas as religiões dos povos pouco mais ou menos sahidos da selvageria. O ascetismo vem das religiões mais inferiores e desenvolveu-se n'um grau excessivo (Letourneau—livro citado) nas grandes religiões da India.

«Na moral de humildade e de renuncia, diz ainda Letourneau, o budhismo foi muito mais longe do que a religião do Christo; o budhismo, que estendeu a caridade humanitaria até ao mundo animal. Emfim, demonstrou-se, com provas superabundantes, que os philosophos e os escriptores da antiguidade grego-romana não esperaram o nascimento e a diffusão do christianismo para exprimir os largos sentimentos de igualdade, de fraternidade, etc, com que uma vez liberta do judaismo, a religião do Christo se enfeitou.»

Ernesto Havet dedicou quatro grossos volumes a estudar as origens do christianismo. Excelente trabalho esse—*Le Christianisme et ses Origines*—que deve ser lido por todos aquelles que desejem estudar a fundo a questão.

Ahi, n'esse magnifico trabalho, demonstrou Havet, não só, como acabámos de expôr, que o christianismo tirou toda a sua pompa, o seu rito, o seu ceremonial do paganismo, não só que os seus mysterios, os seus dogmas, as suas superstições veem de todas as religiões anteriores, mas, como diz Letourneau, e muito bem, que os philosophos e os escriptores da antiguidade não precisaram do christianismo para proclamar os grandes e generosos sentimentos da liberdade e da fraternidade.

Pelo contrario, o christianismo foi um recuo. Pelo seu espirito de feroz intolerancia, de amor ao despótismo, de guerra á sciencia, não fez senão demorar, senão atrazar a evolução da humanidade.

Neste ponto, não restam duvidas a todos aquelles que estudam essas questões.

«Uma outra objecção, muito familiar aos defensores da tradição, consiste em proclamar as chagas da sociedade antiga, as crueldades da escravidão, da guerra, das torturas, o infanticidio permitido e reconhecido como um direito, os invertidos, os eunuchos, as carnificinas do circo e a prostituição forçada. E dizem: «Eis o que era o mundo grego antes de Christo.» E' esquecer com muita facilidade que o mundo, depois de Christo, conservou por largo tempo as mesmas misérias; que o imperio bysantino igualou o outro, pelo menos, em escandalos e horrores; que mesmo sob a christandade moderna, a Roma dos papas foi algumas vezes tão impura e tão sanguinolenta como a Roma dos Cesares; que a tortura durou até á Revolução franceza e que a escravatura dura ainda. Porque não ha maior exemplo das illusões em que podem cair os crentes que esta teimosia em conceder ao christianismo e á Igreja a honra de haver acabado com a escravidão; quando é certo que a escravidão antiga subsistiu no imperio christão como no imperio pagão, que durou bastante tempo na idade média, que a servidão existia ainda em França nas vesperras da Revolução; que a escravatura dos negros se estabeleceu sob o reinado da Igreja, que persiste ainda hoje em dois Estados, e em dois Estados catholicos; que não começou a declinar senão depois do seculo dezoito, isto, é depois que as Igrejas ameaçaram ruina; e que na hora presente o Papado, que condemna tão facilmente e tão imprudentemente tantas coi-

sas, ainda se não resolveu a condemnar-la. A Igreja reinou dezoito seculos, e a escravidão, a tortura, a educação ás chicotadas, e muitas outras injustiças, duraram esse tempo todo; a philosophia livre reinou só um dia, no fim do seculo dezoito, e bastou um dia só para ella varrer tudo por uma vez.» (Ernest Havet—livro citado—Prefacio, pags. XXI e XXII.)

Encarando o christianismo sob este ponto de vista moral, escreve também Julien Vinson, pags. 402 do seu livro *Les Religions Actuelles*.

«Em Roma, as virgens christãs austeras em publico, gostavam muito da bella carne e da orgia nocturna; davam rendez-vous aos seus galantes nas egrejas; as grandes damas ornavam os corpetes com scenas do antigo e do novo testamento, á imitação das pagãs que se enfeitavam com as estampas dos debóches de Jupiter ou dos amores de Venus e Adonis. Quanto ás viuvas, o seu zelo religioso não occultava quasi sempre senão excessos escandalosos. Os padres, sahidos das camadas populares, eram verdadeiros sybaritas, d'uma glotoneria refinada, assaltando o peito dos moribundos para captar heranças, tomando ordens para chegarem mais facilmente junto das mulheres. Os membros do clero inferior escolliam as suas concobinas entre as filhas do povo; os do alto clero seduziam as patricias.»

Isto logo nos primeiros tres seculos do christianismo!

Quer dizer, a religião de Jesus, não tendo originalidade de doutrina, nem sob o ponto de vista da moralidade emendou os vicios e torpezas da agonia da velha civilização.

E como este ponto é vasto, e curioso ao mesmo tempo, voltaremos a elle no proximo domingo.

A. B.

A biltraria deu agora em pro-palar que um nosso amigo foi esbofetado e cuspidado, de que uma sentinella chamou ás armas, etc.

Se os biltres não tivessem declarado, escripto e assignado que dirigem as maiores infamias contra um homem **sem provas** e, até, **sem indícios**, talvez conseguissem, ao menos, irritar-nos.

Assim, só nos fazem rir e nada mais.

Então tanta coisa e não obtiveram aquella reforma que é a abolição da biltraria e dos dois patrões, o patrão do Carmo e o patrão da Oliveirinha?

Pois se com tanta coisa a não obtiveram, decididamente já não a obteem.

Não somos muito de rir. Mas agora dá-nos vontade de rir. Francamente, dá-nos vontade de rir.

A questão foi elles dizerem que dizem tudo sem indícios e sem provas e que engolem tudo quanto disserem logo que, á má cara, os mandem engulir.

Eis o busilis! Eis o busilis! Já lhes não podemos chamar uns grandes biltres. D'elles só se diz:

Que biltresitos!  
Eis o busilis! Eis o busilis!  
E deixar rabiari os pobresitos.

O tempo melhorou. Os ultimos dias teem estado desanuviados e formosos.

Foi nomeado ajudante do escrivão notario, sr. Manuel Caçõ Gaspar, o nosso amigo sr. José Roballo Lisboa, moço muito intelligente e sympathico, a quem sinceramente felicitamos.

## O NOVO HOSPITAL

Aos sérios argumentos, aqui apresentados por nós, para provar quanto foi criminosa a resolução de se escolher o sitio da Senhora da Ajuda para construcção do novo hospital, responde a immunda papeleta dos francaceos com as garotices e reles trapalladas do costume.

Começa por nos accusar de termos dicto que «ninguem discutiu ainda o projecto, o edificio, a construcção» quando, diz a papeleta, nós já fizemos referencias lisongeiras ao projecto, e á construcção também.

Mente o biltre. Quem escreve estas linhas, quem tem escripto estes artigos combatendo a escolha do local onde se está construindo o edificio, nunca fez referencias de qualidade alguma ao projecto, nem á construcção. Mas se houvesse sido elle o auctor dos artigos publicados no *Povo de Aveiro* sobre o tal projecto, nem mesmo assim haveria incoherencia, já porque quando dissémos «ora ninguem discutiu ainda o projecto, o edificio, a construcção» toda a gente percebeu que nos referiamos aos artigos que estavamos publicando e não a outros publicados em occasião differente, já porque nos taes artigos, a que se refere o biltre, não foi, como n'estes agora, atacado o projecto. Ainda que houvessemos do nós o auctor dos artigos, publicados, em tempo, no *Povo de Aveiro* sobre o projecto do novo hospital, e sobre a maneira porque o edificio estava sendo construido, pon-do nós, agora, completamente de parte a questão do projecto e da construcção, não havia da nossa parte nenhuma incoherencia. Absolutamente nenhuma. Se tinhamos applaudido o projecto, não o combatiamos agora.

Mas não fomos o auctor d'esses artigos. Nem sabemos da existencia d'elles. Nem sabemos, no momento de traçar estas linhas, quem os escreveu. Já o dissémos e tornámos a dizer: dos artigos que sahem no *Povo de Aveiro* nós só conhecemos aquelles que escrevemos. Os outros, os que não escrevemos, só os conhecemos depois de publicados e, em geral, nem sequer indagamos de quem os escreveram.

Não sabemos, pois, da existencia de taes artigos e tivemos de percorrer a collecção do *Povo de Aveiro* para os encontrar. Poderiam não existir, o que não admirava. Não temos nós visto, não estamos vendo, a toda a hora, de quantas calumnias e torpes invenções são capazes aquelles biltres? Não as confessam elles mesmos, com uma imbecilidade que ainda excede a sua vileza? Não admirava, pois, que não existissem. Mas existem. Felizmente existem. E dizemos felizmente porque conteem affirmações que não deixam de convir n'este momento.

Tamanha foi a imbecilidade do *Chica* em os recordar!

N'isso são famosos. Havemos de dizer-lo sempre. Biltres sem eguaes. Mas ainda mais imbecis do que biltres.

D'esses artigos, cujo auctor, repetimos, desconhecemos por enquanto, mas que era pessoa, com certeza, muito chegada aos corypheus da commissão do hospital, resaltam tres coisas curiosissimas.

A primeira é que a opinião publica em Aveiro recebeu sempre mal o hospital n'aquelle sitio. O instincto popular! O grande instincto popular!

A segunda é que a obra do hospital é uma obra fatalmente condemnada a nunca se acabar, pela impossibilidade manifesta de se arranjar dinheiro para isso.

A terceira é que houve, logo no principio, quem notasse erros de construcção, concordando o sr. Silva Rocha mais ou menos n'esses erros e justificando-os como quiz.

A immunda papeleta dos francaceos anda com muita vontade de nos ver dar uma descompostura no sr. Silva Rocha. Ora nós não temos interesse algum em agradar ou em desagradar ao sr. Silva Rocha. Se o sr. Silva Rocha vier a merecer censura por acto publico offensivo dos interesses da cidade, ou dos bons principios, póde o ignobil papel, que obedece ao sr. Jayme de Magalhães Lima, ter a certeza de que fica satisfeito. Havemos, então, de censurar o sr. Silva Rocha. Mas, por enquanto, não temos motivo para isso. Ao contrario. O sr. Silva Rocha sempre nos mereceu bom conceito e não sabemos que deva desmerecer d'esse conceito.

E' bom, é mau, o projecto do novo hospital? Não sabemos. Mas temos o dever de partir da hypothese de que é bom, já porque d'essa hypothese parte sempre quem não sabe, quando procede lealmente, já porque a anterior reputação do sr. Silva Rocha apoia essa hypothese.

O mesmo diremos do constructor. Deve ser bom. Deve saber construir. Diz-se que sabe. Não conhecemos erros de construcção no edificio. Logo, não temos que discutir a construcção.

Parece-nos que ninguém, n'esse ponto, poderia proceder com mais lealdade e correcção.

Mas o que tem graça é que o auctor dos artigos, imbecilmente citados pelo *Chica*, o auctor d'esses artigos, sem duvida pessoa muito das relações do sr. Silva Rocha, é que citou e censurou erros de construcção.

Querem vêr? Vejam, que não deixa de ser curioso.

No n.º 119 do *Povo de Aveiro*, de 17 de fevereiro de 1901, dizia o articulista, pessoa grata, repetimos, como é facil deprender da leitura dos artigos, aos corypheus da commissão do hospital:

«E já que voltámos hoje ao assumpto, permita-se-nos uma observação, que fazemos, porque a nossa attenção foi chamada para o facto por pessoa competente: será do projecto a construcção dos alicerces com os materiaes que se estão empregando?»

Já dissémos que não conhecemos o projecto em si. Affirmam-nos, no entanto, que está bem elaborado e obedece a todos os preceitos hygienicos. Mas a hygiene, de certo, não justifica o facto para que chamáram a nossa attenção. Não acreditámos até, porque nos é difficil, que o projecto mande empregar na construcção dos alicerces, ainda mesmo que seja nos alicerces d'um pavilhão, como nos dizem, os materiaes que lá se vêem, porque isso levar-nos hia, muito contra nossa vontade, a reconhecer no projecto d'uma obra como esta um erro cuja existencia nos repugna admitir, por todos os motivos. Mas tambem não podemos harmonisar o honroso juizo que fazemos do auctor do projecto, com a consideração ainda não desmentida em que temos o em-

preiteiro da obra. Este, não só por que a isso é obrigado pelos termos da adjudicação, mas tambem porque não é indifferente á sua reputação profissional, deve ter o maximo cuidado em cumprir com fidelidade os encargos que aceitou; e, por isso maior e mais justificada foi a nossa surpresa quando vimos que os alicerces, longe de serem construidos como deviam ser, se se attendesse á segurança e durabilidade do edificio, com materiaes convenientemente resistentes, estão construidos com calças em grande quantidade, alguma pedra muito ordinaria, que só poderia ser aproveitada de mistura com outras de maiores dimensões, e são de tal modo estreitos que mais parecem alicerces de um casebre do que os alicerces de uma obra a cujo respeito tanto barulho se faz, e que tão custosa promette ser.

E' erro do projecto? Mais uma vez declarámos que ainda lhe não pu zemos a vista: mas do que não póde restar duvida é de que a obra se apresenta mal iniciada. Só quem não tiver olhos o não vê.

A quem cabe a responsabilidade do facto?

Nós, que julgámos simplesmente pelo que vimos, não podemos responder categoricamente á pergunta que nos fizéram, quando chamáram a nossa attenção para o assumpto; mas o que podemos é assegurar sem receio que a construcção leva máu principio. E' um facto de que todos se podem certificar.

Pois é pena. E creiam francamente que não temos a menor sombra de prazer em ser desagradavel a ninguém, nem tão pouco em entrar em assumptos d'esta ordem; mas repugna-nos sancionar com o nosso silencio, mormente quando a nossa opinião é solicitada, um facto que tão de perto nos interessa e tão mal figurado se nos antolha.

Como vêem vamos cumprindo a promessa que no ultimo numero fizémos, mas *sans rancune*.

Publicado este artigo, appareceu o sr. Silva Rocha a conversar com o articulista e a mostrar-lhe o projecto, o que fez com que o referido articulista publicasse outro artigo no numero seguinte do *Povo de Aveiro*, o n.º 120 de 24 de novembro de 1901. Mas julgamos que emendou a affirmação já feita sobre os erros de construcção? Isso, sim! Voltou á carga, confirmou, com assentimento, até certo ponto, do proprio sr. Silva Rocha, como vamos vêr.

Vejam os:

«Estranhámos que os alicerces estivessem construidos como estão. Não tinhamos ainda tido occasião de vêr o projecto; e como a obra já feita era um facto do dominio publico e a nossa attenção foi solicitada, fallámos. Tíhamos essa obrigação. E agora que vimos o projecto e depois das explicações trocadas entre nós e o seu auctor, não temos razão alguma que nos leve a dizer, ao contrario do que affirmámos no ultimo numero, que, por exemplo, os alicerces não são estreitos. São-no; e são-no por espirito de economia, como nos informam. Foi este o motivo que levou o auctor do projecto a dar-lhe aquellas cotas. E' deulhas, não porque não reconhecesse, como nós, que alguma largura a mais nas fundações do edificio, apesar da solidéz do terreno, não era absolutamente desnecessaria; mas porque os poucos meios da commissão exigiam esse sacrificio. Pois nós preferiríamos fazer o sacrificio de dispender nas fundações mais alguns metros cubicos de bom material.

E pelo que toca ao material cujo emprego causou os nossos reparos, informou-nos tambem o sr. Silva Rocha que foi em grande parte dado. Estamos em acreditar que o proverbio que manda não olliar para os dentes de cavallo dado, não tem applicação possivel a coisas d'esta ordem. Nós não condemnámos o material, condemnámos o seu emprego, e mais nada. Queríamos vê-lo com outro de maiores dimensões, que, se tivesse sido empregado, havia necessariamente de accusar a sua existencia na parte

superior do alicerce. Portanto, a applicação do caso, se dá a razão do espirito de economia com que a commissão, por motivos facéis de perceber, pretende levar a effeito a edificacção do hospital, não modifica a essencia do que aqui dissémos.»

Viram? Lêram?

Ora ainda bem que lêram.

Quem nota defeitos de construcção não somos nós. São elles!

Mas deixando isso, que pouco nos interessa, passemos aos outros dois pontos curiosissimos, que resaltam, nitidos, dos artigos alvarmente e imbecilmente citados pelo *Chica*, isto é, que a opinião publica da cidade recebeu sempre e pressimamente a construcção do edificio n'aquelle sitio e que a obra nunca se acabará por falta de dinheiro.

Nunca!

E' inutil dar cinco réis para aquillo. Aquillo é obra condemnada desde que nasceu.

Como esses pontos são muito curiosos, e como este artigo já vae longo, deixa-los-hemos para domingo. E então arrastaremos os biltres pelas orelhas para lhes mostrarmos sitios excellentes, em Aveiro, para a construcção d'um hospital.

Iremos de vagar, que não ha pressa.

#### DEIBLER EM AVEIRO

Na terça-feira passada houve grande ajuntamento de povo á porta da esquerda, attrahido pelos gritos d'um desgraçado que estava sendo interrogado pelo novo processo do cabo 3, á valentona.

Consta-nos que tem fígados de panthera, este celebrado *cabo d'esquadra*, arvorado agora em chefe interioro.

O que não sabemos é quaes sejam as habilitações que recommendem o antigo *Accende Luzes*, para ser investido n'aquelle cargo!

Só se é pelo novo processo d'interrogar os presos!

Se assim é, salte de lá tambem uma condecoraçãozinha para o nosso *Deibler*.

#### «A Morte dos Deuses»

Recebemos e agradecemos o 2.º volume d'este magnifico romance de D. Merejkowsky, traducção de Armando da Silva, e editado pela Saccão Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, Lisboa.

E' o n.º 12 da bella collecção de obras illustradas e scientificas, notaveis e modernas, nacionaes e estrangeiras, custando cada volume apenas 100 réis.

#### Musica no jardim

Com uma concorrência extraordinaria, fez-se ouvir no domingo passado, no Jardim Publico, a banda de infantaria 24. Uma das peças que executou intitulada a *Retreta Comica*, ouvida pela primeira vez n'esta cidade, foi magistral.

Hoje, da 1 ás 3 tarde, deve executar o seguinte programma:

#### 1.ª PARTE

*O Viajante* (ordinario).  
*Ernani* (pot-pourri).  
*União Iberica* (walsa).  
*Sur les eaux du Tage* (pot-pourri).

#### 2.ª PARTE

*Fedora*, (port-pourri).  
*The All in the Forest*.  
*El Sereno* (Passa calle).

#### Cambios

Está a 12 1/16 o cambio do Brazil sobre Londres.  
Libra no Brazil: 19,896 réis;  
em Portugal, 5,655 réis.

#### THEATRO AVEIRENSE

Tem continuado a agradar a apreciavel companhia de zarzuella, dirigida pelo sr. Barrilaro, que se está exhibindo no nosso theatro.

Na quinta-feira deram-nos as engraçadas zarzuellas *El Lucero del Alba*, *Ya somos tres* e o *Caramelo*, com musica do maestro Chueca, cujo desempenho foi irreprehensivel.

Tem artistas de muito merecimento, principalmente as actrizes Aurora Solis, Lucia Osuna, Amparo Moron, e os actores Moron, Amodeo e Rodriguez, que cantam com arte e declamam com a mais rigorosa correcção.

Este espectáculo foi de geral agrado para o regular auditorio que ali affluu, sendo os interpretes contemplados com salvas de palmas, e bisados repetidas vezes.

Na quinta-feira, em beneficio da talentosa actriz Aurora Solis, e com uma casa quasi deserta, tivémos as lindissimas zarzuellas *La Czarina*, *Una Viaja* e a repetição do *Caramelo*, terminando o espectáculo com o bailado de *Sevillanas*, que foi visado. Os personagens foram delirantemente applaudidos e foi uma noite bem passada, que a gentil beneficiada nos proporcionou.

Foi motivo para estranhar a ausencia do nosso publico áquelle espectáculo. Só o *Caramelo* era peça para que aquella casa fosse repleta d'espectadores, pois que é uma das melhores que aqui temos visto subir á scena, e com magnifica musica do grande maestro Chueca.

Não podem, pois, levar gratas recordações d'Aveiro, porque o nosso publico não quiz corresponder-lhe com o seu valioso auxilio.

#### Cadeias de Aveiro

Movimento de presos nas cadeias d'esta comarca durante o mez de outubro findo:

Homens entrados 9; ditos saídos 4; existentes 18.

Mulheres entradas 3; ditas saídas 2; existentes 6.

Total 24.

Sendo por offensas corporaes 5, por furto 12, por homicidio voluntario 3, por passagem de notas falsas 1, por embriaguez 2, em cumprimento do custas e multa 1.

Tendo terminado em 24 de outubro findo o prazo do concurso para o provimento d'um lugar de professora da escola annexa á de habilitação para o magisterio de Aveiro, foi determinando que as provas do referido concurso sejam prestadas no dia 20 do corrente mez na escola normal para o sexo feminino de Coimbra.

O jury é composto dos srs. Guilhermino de Barros, director da escola normal para o sexo feminino de Coimbra, que será o presidente; Agostinho Viegas da Cunha Lucas, professor da escola normal para o sexo masculino de Coimbra, e Julio Martins de Almeida, professor da escola de habilitação para o magisterio primario de Aveiro, vogaes.

São candidatas Ermelinda Fortunata da Silveira, professora da escola mixta de Seirós, Ribeira de Pena; e Maria Gloria de Oliveira Marques, professora ajudante da escola da Vera-Cruz, d'esta cidade.

#### Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	960
» encarnado.....	1,500
» manteiga.....	880
» amarelo.....	880
» mistura.....	800
» caraça.....	1,800
» frade.....	840
Milho branco.....	600
» amarelo.....	560
Trigo gallego.....	1,060
» tremez.....	960
Batatas, 15 kilos.....	260

#### O proximo inverno

Um sábio meteorologista de Vienna publica no jornal *Neas Wiener Tagblatt* um boletim de previsão no qual assegura que nada leva a affirmar que o proximo inverno seja rigoroso.

Consoante a opinião do sábio austriaco, o facto de o inverno passado ter sido relativamente moderado não indica que o d'este anno seja frigidissimo, pois que, no decurso do seculo transacto, nenhum inverno rigoroso foi precedido por um inverno suave.

O boletim da previsão vaticina que, na proxima estação, cairá, em toda a Europa, abundante neve e que frequentes e rapidas mudanças atmosfericas farão a estação em extremo desagradavel ás organisações fracas.

#### «O OCCIDENTE»

E' interessantissimo o n.º 858 do *Occidente*. Publica as seguintes gravuras: Um bello retrato do africanista sr. Paiva de Andrada; tres gravuras representando os baixos-relevos do monumento a Affonso d'Albuquerque; Uma vista da povoação indigena da Beira na Africa Oriental e uma visita de Manica, a região aurifera da Africa Oriental.

Na parte litteraria publica os seguintes artigos: *Chronica Occidental*, por D. João da Camara; *Territorio de Manica e Sofala*; *As nossas gravuras: Os ciganos e o seu dialecto*, por Julio Rocha; *Os Mortos*, por D. Francisco de Noronha; *Um burgomestre engarrafado*, por Erkman-Chatrian; *Meteorologia*, etc.

## AO PUBLICO

Bem alto o dizemos, para que chegue ao conhecimento de todos, pois a todos convém saber que é na rua das Barcas, no estabelecimento de

### Alfredo Manso Preto

que se vende o mais puro, sabroso e limpido azeite que em toda a cidade se póde encontrar. De todas as amostras colhidas pelo ex.º Delegado de Saude nos diversos estabelecimentos d'Aveiro, para serem analysadas no Laboratorio Central de Hygiene, em Lisboa, foi o azeite da casa de

**ALFREDO MANSO PRETO** declarado PREFERIVEL para consumo publico, como consta do respectivo relatorio d'analyses, e se prova pela certidão passada pelo zeloso Delegado de Saude d'este districto, o ex.º sr. dr. Pereira da Cruz.

Não se deixe, pois, o publico ludibriar. O estabelecimento de

### ALFREDO MANSO PRETO

na rua das Barcas, é o unico da cidade onde se vende o mais puro e sabroso azeite.

## CERTIDÃO

Delegacia do Districto de Aveiro.

Ill.º Sr.

Declaro que o azeite á venda no estabelecimento de V. S.ª, além de possuir um gosto agradável e boa cor, é o menos acidulado de todos os que encontrei á venda n'esta cidade, assim como o attesta o relatorio da analyse feita no Laboratorio Central de Hygiene de Lisboa, e por isso o melhor d'entre todos e o preferivel para consumo.

O Delegado de Saude  
Manuel Pereira da Cruz.

## Aos agricultores

Vende-se uma porção de carris d'aço usados proprios para armar latadas, corrimões ou para outro qualquer fim, sendo o seu custo de 140 réis o metro, ou 25 réis o kilo.

Quem os pretender pôde dirigir-se em Aveiro, a José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, e em S. Jacintho, a Manes Nogueira.

## SAPATARIA REIS

R. DOMINGOS CARRANÇO  
(A'S CINCO RUAS)  
AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma instalação mais apropriada.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recomendam pela perfeição de corte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

## VENDA DE PROPRIEDADE

Vende-se a quinta do Torreão, em Verdemilho, toda ou em partes.

Para esclarecimentos, em Aveiro, com José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, e na Quinta do Picado, com Francisco Cardoso.

Caso se não venda em globo até ao dia 16 de novembro, será arrematada, em partes, no mesmo local, no dia 23, pelas 11 horas da manhã.

## CONSULTORIO DENTARIO

### DE THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra  
Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras  
R. DIREITA, 58, 1.º  
Aveiro

## HORAS ROMANTICAS

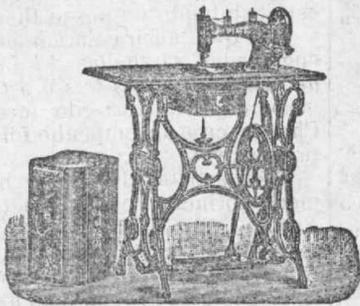
Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.  
VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.  
EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.  
A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.—1 vol.  
SENIOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

## DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA



DA ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,"

Fundada em 1862

EM

Kaiserslantern

São estas as melhores machinas de costura

A machina PFFAF para costureiras.  
A machina PFAFF para alfaiates.  
A machina PFAFF para modistas.  
A machina PFAFF para sapateiros.  
A machina PFFAF para seleiros.  
A machina PFFAF para correiros.  
A machina PFAFF para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.  
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.  
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.  
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.  
Conserta-se machinas de todos os sistemas.  
Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.

Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

## HISTORIA

DA

### REVOLUÇÃO PORTUGUEZA De 1820

Illustrada com magníficos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

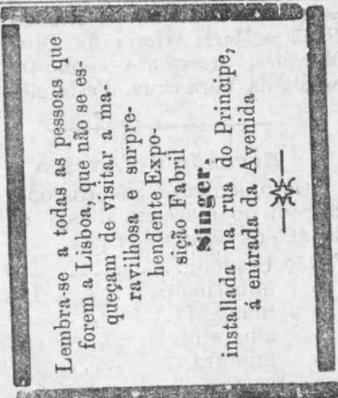
Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanaes de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia dje familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho a thentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas ..... 60 réis  
Cada vol. brochado.. 1:500 »  
Obra completa (4 vol) 6:000 »

A assignatura por fasciculos pôde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.  
Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Mello Gulmarães.



"Povo de Aveiro,"  
Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

## O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolve-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as heroicas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

TYPOGRAPHIA

DO POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

## BAGAGENS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagagens para alimentação de todos os animaes.

## A NOVA PHASE

DO SOCIALISMO POR JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

## O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel d'Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. É esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreccho e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES  
Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

## SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA  
Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

## ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe

AVEIRO

## SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

## QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

# MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

## ARMAZENS

DA

# BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22  
R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Gam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

## CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.  
Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).  
Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flóres artificiaes e cordas funerarias.  
Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.